

## PRÁTICAS EDUCATIVAS COM A INTERNET NO ESPAÇO ESCOLAR: INCLUSÃO DIGITAL X CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

Adriana Carvalho da Silva - drieline@hotmail.com

Sérgio Paulino Abranches - sergio.abranches@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

### RESUMO

Este artigo discute a relação das Tecnologias de Informação e Comunicações (TIC) na educação com a inserção do computador conectado à internet do Programa Um Computador por Aluno no espaço escolar. Com o propósito de refletir se as práticas educativas com a internet estão contribuindo para a inclusão digital dos estudantes, realizamos a análise a partir dos relatos dos professores acerca das propostas de atividades desenvolvidas com o ambiente virtual numa escola pública. Na compreensão de que o espaço educacional assume relevância para a formação humana e inserção dos estudantes na cadeia produtiva, buscamos o aporte teórico de autores como Cazeloto (inclusão digital), Almeida, Kenski, Moran e Bonilla (TIC na escola), dentre outros. Os resultados do estudo nos fazem perceber que a ênfase das atividades pedagógicas com o ambiente virtual tem sido para exploração dos conteúdos programáticos, o que tem dificultado a exploração efetiva do universo da *web*, da aprendizagem colaborativa e da inclusão digital.

**Palavras-chave:** Práticas educativas. Internet. Educação escolar. Aprendizagem colaborativa. Inclusão digital.

### ABSTRACT

This article discusses the relationship of the Information and Communications Technologies (TIC) in education with the inclusion of Internet-connected computer of the program Um Computador por Aluno, on school. In order to consider if the educational practices with the Internet are contributing to the digital inclusion of students, we analyzed reports of the teachers about the proposed activities developed through of the virtual environment in a public school. By understanding that the educational space is relevant to the human development and integration of students in the production chain, we seek the theoretical contribution of authors such as Cazeloto (digital inclusion), Almeida, Kenski, Moran and Bonilla (ICT at school), among others. The results of our study make us understand that the emphasis of educational activities with the virtual environment has been for exploration of the contents, which has difficult the effective exploration of the Universe Web, of the collaborative learning and digital inclusion.

**Keywords:** Educational Practices. Internet. School education. Collaborative Learning. Digital Inclusion.

## INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, as ações cotidianas têm se tornado cada vez mais práticas e processadas em menor tempo com o uso do computador e da internet, de forma que considerável parte dos espaços sociais está informatizada. Entretanto, percebem-se desigualdades quanto ao tipo de acesso e familiaridade em relação às TIC, especialmente quando se refere à internet de acordo com a condição econômica dos sujeitos. “A tecnologia efetivamente migra para as camadas mais pobres da população, mas o déficit em relação aos níveis tecnológicos mais avançados, privilégio dos setores mais ricos, permanece inalterado” (CAZELOTO, 2008, p. 88).

Assim, para uma parcela da população, a familiaridade com as mídias digitais é tão intensa que a exploração da sua potencialidade se processa confortavelmente, ao contrário do que ocorre com a outra parcela da população que mesmo tendo acesso à internet em lan houses, residência, escola e outros espaços, a forma de uso, em grande parte, é limitada a jogos, a recursos básicos do computador (digitação de textos, uso de planilhas eletrônicas, de programas para imagens, dentre outros) e interações nas redes sociais.

Essa problemática nos elucidou o seguinte problema de pesquisa: como as atividades desenvolvidas pelos professores no espaço escolar com o recurso do computador conectado à internet contribuem para o desenvolvimento da inclusão digital dos estudantes das escolas públicas? A inclusão digital a que nos referimos ultrapassa o mero acesso à internet e às informações veiculadas nesse espaço. Diz respeito também à pesquisa, à seleção das informações, ao seu processamento e à transformação em conhecimento, sobretudo, ao uso em benefício das ações cotidianas e da tentativa de emancipação da condição social inferior em que os sujeitos das camadas populares se encontram.

Nesse contexto, desde 2010 o Programa Um Computador por Aluno (UCA) foi implementado em algumas escolas brasileiras, com a proposta de distribuição de laptop com conexão à internet para os estudantes, enquanto estiverem matriculados na escola pública, bem como a infraestrutura para acesso à internet, com vistas à possibilidade de acesso no espaço escolar e nas residências junto aos familiares, assim como desenvolver o trabalho de capacitação de gestores e professores acerca do uso do laptop (BRASIL, s/d). O programa teve como base o projeto *One laptop per child* apresentado em 2005 na Reunião do Fórum Econômico Mundial em Davos, Suíça, pelo professor Nicholas Negroponte e, a partir daí, a proposta foi apoiada pelo governo brasileiro.

Com esse olhar, assumimos o objetivo de refletir se as práticas educativas com a internet estão contribuindo para a inclusão digital dos estudantes. Nessa proposta, temos como objetivos específicos: identificar que atividades os professores estão propondo aos estudantes com o computador online; verificar se as atividades desenvolvidas pelos estudantes com o computador online estão contribuindo para a aprendizagem colaborativa e sua inclusão digital; verificar se a forma com que os professores se relacionam com as TIC exerce influência nas suas propostas educativas.

Parece-nos que, nesse contexto, a mediação dos professores se configura como de suma importância para ampliar a forma de uso das TIC pelas camadas populares, a partir da exploração do universo do ambiente virtual sob olhar pedagógico.

Assim, este artigo se constitui em: discussão teórica acerca do tema; a metodologia usada na nossa pesquisa; a apresentação dos dados coletados e seus resultados; e as considerações finais.

### **AS TIC NO ESPAÇO ESCOLAR: É POSSÍVEL FALAR DE INCLUSÃO DIGITAL?**

A inserção das TIC) no espaço escolar tem aguçado debates em eventos vinculados à educação e tema recorrente em pesquisas científicas. Cada vez mais, a preocupação com o uso pedagógico das TIC é colocado em evidência e a mediação pedagógica percebida como fundamental quando se tem a pretensão de trabalhar com vistas ao “aprender a aprender” e do desenvolvimento do pensar crítico dos estudantes. Contudo, o questionamento acerca da finalidade das ações educativas com o computador conectado à internet também nos parece um tema digno de atenção e que merece integrar os estudos e debates educacionais, assim como a reflexão acerca da inclusão digital nas escolas.

Na perspectiva de Cazeloto (2008), o computador se configura como uma máquina produzida de acordo com os interesses da hegemonia do imperialismo, portanto, não é percebida como uma criação neutra. Nesse contexto, a inclusão digital reproduz a hierarquização global dotada de suas formas de controle. Assim, “...os efeitos produzidos pela inclusão digital são, por isso, assimiláveis aos efeitos da própria informatização do cotidiano nos parâmetros da cibercultura” (CAZELOTO, 2008, p. 82). Sobre o termo inclusão digital, este autor afirma que a intenção de levar a informatização a grupos sociais que não têm acesso às ferramentas de informática é um “artifício de engenharia social”, posto que essa parcela da população passará a ter parte dos benefícios que a elite já está habituada a desfrutar, o que se configura como uma inclusão subalterna. Compartilhamos do pensamento de que

A incorporação de uma tecnologia aos processos educacionais passa pela compreensão das características constitutivas desse novo meio, de suas potencialidades e limitações em relação às formas de interação e construção de significados. Assim, torna-se necessário que o professor utilize a tecnologia na condição de sujeito ativo, protagonista da ação, de modo que possa analisar a efetividade das contribuições desse suporte para a criação de experiências educativas significativas e relevantes para os aprendizes (ALMEIDA, 2007, p. 159).

Com a inserção das TIC no espaço escolar, ganha importância a necessidade de alteração da proposta curricular das escolas, assim como da metodologia adotada na sala de aula. Os conteúdos programáticos, quando vinculados à realidade dos estudantes no sentido de contribuir para pensar questões da sua vivência e para buscar sua emancipação, fazem sentido para sua aprendizagem. Assim, as TIC no espaço escolar demandam um olhar crítico que analise os aspectos positivos e os aspectos negativos para a formação humana dos estudantes e dos professores. Moran (2007, p. 23) reflete que “...o currículo precisa ser repensado para que se torne importante para o aluno, para que este se sinta protagonista, sujeito, personagem principal. A escola tem que se adaptar ao aluno e não o contrário”.

A internet apresenta em sua configuração aspectos interessantes para potencializar capacidades de colaboração interpessoal sem a necessidade de estar no espaço físico e com a possibilidade de nos comunicarmos à longa distância com pessoas que de outra forma não seria possível essa interação; temos assim, a oportunidade de integrar as redes.

As redes, mais do que uma interligação de computadores, são articulações gigantescas entre pessoas conectadas com os mais diferenciados objetivos. A internet é o ponto de encontro e dispersão de tudo isso. Chamada de rede das redes, a internet é o espaço possível de integração e articulação de todas as pessoas conectadas com tudo o que existe no espaço digital, o ciberespaço (KENSKI, 2007, p. 34).

Nessa perspectiva, é relevante repensar as práticas docentes com o uso das TIC e refletir e reconhecer nossos equívocos e lacunas. Estudos recentes (BONILLA, 2005) nos mostram que as ações desenvolvidas com a utilização da internet no espaço escolar, em grande parte, são específicas à busca pela informação para a pesquisa, de forma que mudou apenas o suporte da transmissão da informação; se anteriormente a fonte de informação eram os livros e os professores, agora a pesquisa se volta para outra fonte - internet.

Questionamos: como é possível desenvolver um trabalho educativo com vistas à inclusão digital quando a exploração do ambiente virtual é especificamente de busca por informações? Como incluir digitalmente com práticas docentes instrumentais que limitam e

impedem a expressão, o desenvolvimento da autoria e da criatividade, assim como da protagonização dos estudantes?

Parece-nos que práticas instrumentais, “bancárias” (FREIRE, 2005b), não se afinam com as demandas educacionais na contemporaneidade, na perspectiva de uma educação que compreende a inclusão digital como uma das facetas da inclusão social, ainda que subalternas. Subalterna por não conduzir, efetivamente, à mudança da posição social das camadas populares, apenas avanços dentro da camada em que se encontra, salvo casos que se configuram como exceção, especialmente pelo fato dessa perspectiva de educação não estimular a autonomia da aprendizagem dos estudantes e o pensar crítico destes.

Assim, compartilhamos do pensamento de Ribeiro (2007) acerca da necessidade de pensarmos os possíveis benefícios cotidianos que as TIC podem trazer quando incorporadas às práticas docentes. Indagar: “Quais os ganhos do processo? Quais os ganhos dos alunos? Quais os ganhos dos professores? O que a tecnologia representa para a escola?” (RIBEIRO, 2007, p. 90).

Daí, a inclusão digital e a aprendizagem colaborativa poderão ser melhor trabalhadas dentro de uma perspectiva educacional que transforme em hábito a atividade de reflexão, que agregue suas duas dimensões: “...a que supõe o exercício da capacidade cognitiva para analisar, esboçar e avaliar as ações em contextos determinados, e sua utilidade moral para discernir o valor e o significado que possuem” (SACRISTÁN, 1999, p. 45). Contudo, a reflexão nos parece ser uma ação que precisa ser exercitada, para que seja incorporada efetivamente no cotidiano dos sujeitos e, por essa razão, a educação escolar pode contribuir nesse processo quando trabalha em prol do desenvolvimento da reflexão nos diversos níveis de ensino.

## TRAJETO METODOLÓGICO

O nosso estudo é de natureza qualitativa, posto que trabalhamos com um fenômeno constituído por subjetividades e dinamicidade, o que uma pesquisa meramente quantitativa não seria adequada para alcançarmos a compreensão da temática da pesquisa.

Optamos pelo uso de instrumentos de coleta de dados que nos permitissem obter informações sobre a prática dos professores a partir do próprio discurso, pois nos interessava saber como pensavam suas ações educativas e como a percebiam, conscientes de que, em alguns casos, o discurso é passível de incoerência com a prática. Dessa forma, trabalhamos

com entrevistas semiabertas realizadas no ano de 2010 com 03 sujeitos e também utilizamos um micro questionário para identificar informações do perfil dos sujeitos (sexo, faixa etária, nível de formação profissional, tempo de conclusão de formação inicial, tempo de trabalho na escola...).

Realizamos a entrevista com três sujeitos do sexo feminino que trabalham na mesma escola em níveis de ensino aproximado e que estão utilizando o computador online nas atividades de sala de aula. A construção do perfil dos sujeitos articula informações extraídas do micro questionário individual e da entrevista.

<b>Sujeitos</b>	S1	S2	S3
<b>Faixa etária</b>	30 a 40 anos	30 a 40 anos	30 a 40 anos
<b>Formação inicial</b>	Pedagogia	Pedagogia	Geografia
<b>Tempo da conclusão da formação inicial</b>	2 anos	6 anos	1 ano
<b>Período que trabalha na escola</b>	18 meses	3 anos	2 anos
<b>Turma que trabalha do Ensino Fundamental</b>	3º ano	4º ano	5º ano

Figura 1 – Quadro Perfil dos professores

Após a gravação e transcrição das falas dos sujeitos, realizamos o tratamento das informações com o método de Análise de Conteúdo, que se propõe a “...desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 214).

Assim, na codificação do material fizemos a transformação por recorte e recorreremos à enumeração por sequência numérica, de acordo com a aparição dos conteúdos temáticos ao longo da entrevista. Optamos pela construção de dois quadros de agrupamento: o quadro de unidades de registro com palavras frequentes e outras vinculadas ao nosso objetivo de estudo e o quadro de unidades de contexto com trecho de falas por temas, para a categorização.

Trabalhamos com agrupamento de palavras recorrentes nas mensagens de acordo com temáticas identificadas em um quadro de unidade de registro e com base nos seguintes

critérios: serem significativas para nosso objetivo de pesquisa, vinculadas à discussão do nosso referencial teórico e palavras com aproximação semântica. Posteriormente, organizamos as falas dos sujeitos de acordo com as questões da entrevista, selecionamos trechos das falas e as agrupamos no quadro de unidade de contexto, para definirmos as categorias: Ações pedagógicas e Relação dos professores com as TIC.

Para a categorização, usamos o critério semântico, onde agregamos para a nossa análise elementos das mensagens que apresentam proximidade em seu sentido. Esse momento foi realizado em duas etapas: o inventário, onde fizemos o isolamento dos elementos e a classificação dos dados brutos. Procuramos nos aproximar das características do processo de categorização consideradas boas, a saber: exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade/fidelidade e produtividade.

A nossa categorização foi construída a partir do estudo do referencial teórico e com o que constatamos na coleta dos dados. Após a categorização, analisamos cada sujeito isoladamente para interpretar e identificar a lógica da mensagem e comparamos as mensagens dos sujeitos nas categorias. Em seguida, submetemos o material a outras leituras mais aprofundadas, a fim de fazer inferências e analisar criticamente. A análise foi feita de duas maneiras: de cada sujeito e a relação com os demais sujeitos, de forma que a triangulação dos dados foi utilizada na análise dos dados.

### **A INTERNET NO ESPAÇO ESCOLAR: PERCEPÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES PARA A DIMENSÃO SOCIAL**

O planejamento e o desenvolvimento de práticas docentes com o acesso à internet no espaço escolar, segundo os relatos dos sujeitos, se configuram como desafiantes e, ao mesmo tempo, ampliador das possibilidades pedagógicas e sociais. Os sujeitos compreendem que as vivências da sala de aula irão se expandir para a vida pessoal dos estudantes referente à forma de uso da internet por possibilitar uma visão menos limitada da sua potencialidade, especificamente referente ao acesso limitado a jogos e a redes sociais. Isso porque, segundo os professores, a democratização do acesso a informações e a atividades com a internet tem aguçado nos estudantes a concentração, a curiosidade, a consciência e sua autoestima, o que se explicita nessa fala: “A gente percebe porque eles ficam mais calmos na sala, não ficam tão agitados. Eles interagem mas não fica aquele barulho que incomoda. Você consegue chegar, conversar, explicar” (Sujeito 3).

Os sujeitos da pesquisa afirmaram que discutem com os estudantes a importância do acesso à internet para a vida deles, para ampliar a perspectiva de vida e os horizontes. Outro aspecto apontado pelos sujeitos como de atuação na dimensão social é o fator comportamental dos estudantes nas atividades com o computador. A interação e a colaboração entre os estudantes foram potencializadas com a inserção do computador online no espaço escolar e percebido como aliado para a aprendizagem no momento em que estão desenvolvendo as atividades propostas com o computador, o que se expressa nessa consideração: “Eles interagem mais. Quando um coleguinha tá com dificuldade em alguma coisa, o outro vai lá e ajuda. Eu acho que tem ajudado bastante” (Sujeito 3). Contudo, esse fato não foi percebido em outros momentos na sala de aula. O impacto do acesso ao computador difere com o perfil e a familiaridade dos alunos com a máquina e com a internet.

Os sujeitos afirmam que o trabalho desenvolvido na sala de aula irá repercutir na forma de uso pessoal dos alunos com as TIC, de forma que a inclusão digital irá se processar através da execução de comandos que o professor fornece no espaço escolar.

Nesse sentido, o Programa UCA tem contribuído para o acesso à informação pelos alunos e para dinamizar o trabalho em sala de aula, o que constatamos na fala: “colaborou com o concreto” (Sujeito 2). Além desses aspectos, este professor destaca que já consegue perceber melhorias na relação entre alunos, uma maior aproximação, pois passaram a colaborar com os colegas nas dificuldades apresentadas com o uso do computador.

## **PRÁTICAS EDUCATIVAS COM A INSERÇÃO DO COMPUTADOR ONLINE NO ESPAÇO ESCOLAR**

As falas dos professores entrevistados indicam como a prática pedagógica, possivelmente, está se desenvolvendo no cotidiano da escola. O computador é considerado pelos sujeitos como só mais um recurso pedagógico que vai complementar as atividades, oportunizar acesso a materiais, forma de pesquisa e informações antes não trabalhadas em sala de aula. A frequência de uso é de duas vezes por semana dentro da proposta de Projeto temático da escola. Por essa razão, não planejam atividades voltadas para o trabalho com essa ferramenta, que entra no planejamento como parte das atividades da sequência didática.

Quando os professores afirmam que a internet contribui para enriquecer a formação pedagógica, se reconhecem suas contribuições quando usada de forma crítica, o que indica que é um recurso que, no espaço escolar, precisa ser usado pedagogicamente. Percebemos que

além do espaço para o lúdico, reservam espaço para ampliar seus conhecimentos, se atualizarem acerca das notícias do que acontece no mundo e pesquisarem para o planejamento de aulas. De acordo com os sujeitos, essas são práticas consideradas como inerentes ao exercício da profissão de professor.

As práticas docentes com o computador e internet no espaço escolar têm sido feitas da seguinte forma: pesquisa direcionada pelos professores referente à exploração dos conteúdos curriculares específicos (vídeos, textos sobre o assunto, imagens...), dentro de projetos temáticos da escola e atividade de digitação de texto. A avaliação das necessidades e da aprendizagem se processa ao longo do desenvolvimento da proposta educativa e se constitui como norteadora para atividades posteriores.

Os professores explicitam que não permitem que os estudantes realizem a exploração do universo da internet para mostrar que é possível também desenvolver as atividades da escola com o computador, ou seja, além do que costumam acessar em outros espaços e porque precisam cumprir exigências da gestão escolar e de outras instâncias educacionais quanto ao trabalho com o conteúdo programático e pelo fato de que quando esse momento foi vivenciado pelos estudantes, o acesso à internet se restringiu a jogos. Entretanto, o uso de jogos pedagógicos foi apontado como uma das alternativas de usar o lúdico no espaço escolar. Assim, o planejamento didático tem como foco os conteúdos programáticos. Contudo, o ser humano carrega em si o ímpeto criador que se atrela à sua inconclusão. “A educação é mais autêntica quanto mais desenvolve este ímpeto ontológico de criar. A educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidade para que os educandos sejam eles mesmos” (FREIRE, 2005a, p. 32).

Na percepção do Programa UCA, a preocupação central dos sujeitos parece ser em mostrar aos alunos que o computador pode ser usado como recurso pedagógico em favor da aprendizagem dos conteúdos programáticos da escola, o que indica que existe a preocupação com a forma de uso dos alunos.

O uso do computador também tem sido atrelado ao comportamento dos estudantes em sala de aula, como premiação para alcançar o comportamento desejado pelos professores, que estabelece um acordo de uso. Assim, também é percebido como alternativa para controle comportamental, o que se pode constatar nessa afirmação: “Fiz um acordo com eles de disciplina porque a maioria dos alunos já tinha experiência de *cyber*, mas muito para jogo... Às vezes, eu ainda faço uma negociação com eles, dependendo do comportamento é que eu uso” (Sujeito 2).

## RESULTADOS DA PESQUISA: O QUE MUDOU NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS?

As informações obtidas com os instrumentos de coleta de dados e sua análise possibilitaram a percepção de aspectos relevantes para pensarmos as práticas educativas com a web. Os resultados da nossa análise mostraram que na concepção dos professores acerca do seu papel na cibercultura prevalece a dimensão cognitiva no processo educacional, que, conseqüentemente, se revela na forma de uso do computador online no espaço escolar, ou seja, com ênfase na exploração dos conteúdos programáticos. Na realidade da escola pública - campo do nosso estudo -, não percebemos a instrumentalização da sala de aula com equipamentos tecnológicos como preocupação central, por ser visto pelos professores como mais um recurso e não um fim em si mesmo.

Na relação do conteúdo expressado nas mensagens dos sujeitos da pesquisa, percebemos a perspectiva de que o professor atua como aquele que orienta, que facilita a construção do conhecimento do aluno. Esse trabalho inicia já na elaboração do planejamento da aula, quando procura desenvolver uma proposta que se aproxime da realidade dos alunos para que seja significativa. Nas atividades em sala de aula, isso ocorre quando se promovem debates sobre o conteúdo e temas transversais e quando as trocas interpessoais acontecem de forma habitual, seja entre professor e aluno, seja entre os alunos, especialmente quando se interessam em ajudar o colega.

A preocupação com o planejamento de aula, com os conteúdos programáticos e com o trabalho com Projetos temáticos é evidenciada pelos sujeitos. A atividade de pesquisa aparece aqui como a mais mencionada nas falas em diferentes contextos, tanto como uma prática dos professores como atividade proposta para os estudantes.

Consideramos as atividades com pesquisa direcionada feita pelos sujeitos como um dos fatores que contribui para a construção do conhecimento e para alcançar o aspecto mais elementar da compreensão de inclusão digital a que nos afinamos, ou seja, o conhecimento técnico de uso da máquina (digitação, função das teclas e programas, dentre outros) e do mero acesso à informação.

Percebe-se que nas práticas docentes analisadas, alguns elementos se distanciam da ideia de inclusão digital, como: o uso do computador online como estímulo comportamental para os estudantes, a baixa frequência de uso do computador, a forma em que é explorado no espaço escolar, ou seja, prioritariamente, em função dos conteúdos programáticos, o que

limita as possíveis descobertas dos alunos, a sua criatividade, sua autonomia da aprendizagem que se atrelam intimamente com os avanços no processo de inclusão digital. Zabala (1998) enfatiza a autonomia como objetivo último do crescimento pessoal dos alunos para que atuem de forma competente nos contextos sociais.

Impulsionar esta autonomia significa tê-la presente em todas e cada uma das propostas educativas, para serem capazes de utilizar sem ajuda os conhecimentos adquiridos em situações diferentes da que foram aprendidos. Para poder alcançar esta autonomia será necessário que ao longo de todas as unidades didáticas os professores e os alunos assumam responsabilidades distintas, exercendo um controle diferente conforme os conteúdos tratados, com o objetivo de que no final os alunos possam aplicar e utilizar de maneira autônoma os conhecimentos que adquiriram (ZABALA, 1998, p. 102).

Em contrapartida, a interação entre os estudantes no momento da realização das atividades com o computador, a disposição e o interesse em ajudar o colega nas suas dificuldades se aproximam da proposta da aprendizagem colaborativa que requer maior estímulo do professor para que seja construída e incorporada no cotidiano do espaço escolar.

Indagamos: as atividades com o laptop em dias específicos contribuem para aguçar a expectativa do aluno quanto ao uso? Será que o uso do laptop no cotidiano, como qualquer outro recurso, irá mesmo fazer com que associem seu uso à brincadeira ou tornando-o prática comum, favoreça a sua exploração e mudança da lógica dos alunos de que é para jogar? O ato de ensinar não se resume ao trabalho com o conteúdo de forma superficial, mas em oportunizar condições para o aprender criticamente, o que demanda educadores e educandos “criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes” (FREIRE, 1996, p. 26).

Nessa concepção, o uso pedagógico da internet se resume à exploração de conteúdos escolares? Assuntos de interesse dos alunos encontrados em pesquisa livre, dentre outras descobertas, também não podem ser discutidos nas aulas? A preocupação do professor em modificar as atividades propostas na sala de aula se processa em função dos conteúdos programáticos?

Por outro lado, atrelar o trabalho com o computador ao fator comportamental dos estudantes revela aspectos do pensamento behaviorista, tão combatido nos debates educacionais, em especial na relação estímulo-resposta para se alcançar uma finalidade, um comportamento esperado, além do que contribui para a supervalorização da máquina e para a privação de um direito do aluno, do uso do computador no espaço escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em práticas educativas dentro do contexto contemporâneo sugere mudanças na proposta pedagógica e metodologia desenvolvida no espaço escolar. Reforça-se o pensamento de que uma educação “bancária”, instrumental não concebe os estudantes como sujeitos e não se afina com os anseios da sociedade atual, informatizada. Assim, a exploração da potencialidade da internet requer momentos de acesso livre dos estudantes sob mediação do professor, que oriente, ofereça atividades desafiantes e estimule questionamentos nos estudantes para que desenvolvam o pensamento crítico e aprendam a selecionar e sistematizar as informações veiculadas no cotidiano, sobretudo porque com a internet nos deparamos com um fluxo intenso de informações que, algumas vezes, não apresentam veracidade. Além disso, como afirma Silva (2010), a lógica comunicacional clássica é alterada e, agora, as mensagens podem ser reformuladas por outros sujeitos e retornadas ao autor inicial com outra configuração. A autoria é potencializada com os blogs, sites de relacionamentos, dentre outras possibilidades.

Nessa perspectiva, é preciso refletir a forma em que as práticas docentes estão sendo desenvolvidas para favorecer aspectos importantes para a formação do estudante, especialmente para contribuir com a autonomia da aprendizagem, como: onde pesquisar tal informação, como confrontar os dados, como fazer fichamento dos textos para captar sua essência e as informações pertinentes, sua sistematização e análise crítica. Dessa forma, não basta inserir as mais avançadas tecnologias no espaço escolar para que a educação seja mais qualitativa, faz-se mister repensar e considerar o fator humano, o pedagógico e os demais investimentos necessários (remuneração digna para os professores, cursos de formação com proposta reflexiva e vinculada às vivências dos professores, infraestrutura da escola etc.) para que avancemos na melhoria da educação escolar e da aprendizagem dos estudantes.

Os dados revelados nesta pesquisa nos apontam que a prática dos professores com o uso de TIC em sala de aula, ao privilegiar o aspecto da pesquisa escolar de conteúdos programáticos, não pode ser considerada como elemento suficiente para que o processo de inclusão digital dos estudantes se dê de forma autônoma e não subalterna. Assim, tal prática necessita estar conectada a outras que favorecem a ação autônoma dos estudantes e lhes dê condições de construir um pensamento crítico também em relação ao uso das TIC no seu processo de aprendizagem.

Os professores revelam que há uma mudança no processo de aprendizagem do aluno com o uso das TIC, apesar de não se poder ainda caracterizar totalmente este processo, e ao mesmo tempo identificam claramente a necessidade de uma ação pedagógica específica, pois o uso livre das TIC, sem orientação pedagógica, pode somente favorecer uma dinamização do que já se conhece do processo de aprendizagem, e não necessariamente sua transformação, o que, para nós, indicaria somente uma inclusão subalterna.

Estamos conscientes de que a decisão de restringir a utilização da internet à exploração dos conteúdos programáticos não é só dos professores, pois mesmo quando apresentam a consciência da importância de que os estudantes conheçam outras possibilidades de uso da internet, precisam responder às exigências de instâncias superiores à sala de aula.

Por isso, o uso pedagógico das TIC que favorece uma inclusão digital autônoma dos estudantes é uma questão que vai desde a decisão do professor na sala de aula até a própria estruturação do projeto político pedagógico da escola.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth. Integração de tecnologias à educação: novas formas de expressão do pensamento, produção escrita e leitura. In: VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth (Orgs.). **Formação de educadores a distância e integração de mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007.

BONILLA, Maria H. **Escola aprendente: para além da sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

BRASIL. **PROUCA**. s/d. Disponível em: <http://www.uca.gov.br/institucional/projeto.jsp>.

CAZELOTO, Edilson. **Inclusão digital: uma visão crítica**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005b.

KENSKI, Vani. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: Artmed: Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** Campinas: Papirus, 2007.

RIBEIRO, Otacílio. Educação e novas tecnologias: um olhar para além da técnica. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas.** Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

SACRISTÁN, Gimeno. **Poderes instáveis em educação.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa: educação, comunicação, mídia clássica.** São Paulo: Loyola, 2010.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.